

## **Jornalismo para o Desenvolvimento e Desenvolvimento do Jornalismo: um olhar sobre o *The Guardian International Development Journalism Competition*<sup>1</sup>**

Clarissa Miranda<sup>2</sup>  
Rosane Rosa<sup>3</sup>

### **Resumo:**

A partir e apesar do contexto contemporâneo onde predomina um jornalismo mercadológico, propõe-se refletir sobre um jornalismo voltado ao desenvolvimento socioeconômico dos povos. Implica priorizar questões que contribuem nos processos de desenvolvimento a longo prazo. Trata-se da possibilidade de desenvolvimento do jornalismo a ponto de significar uma forte alavanca na ampliação do diálogo norte-sul, sul-norte. Isso será possível à medida que o jornalismo representar as comunidades do Sul como protagonistas do desenvolvimento, utilizando a linguagem dos direitos e abandonando a da “vitimização”. Assim, a prática do jornalismo de desenvolvimento implica simultaneamente o desenvolvimento do jornalismo. Para tanto, analisam-se textos vencedores da edição de 2011 e o regulamento do concurso *The Guardian International Development Journalism Competition*, com base em autores como: Kunczik (1992 e 2002), Braid (2010), Dixit (2005) e Bertrand (1999).

**Palavras chave:** jornalismo de desenvolvimento; desenvolvimento do jornalismo; diálogo Norte - Sul.

### **Introdução**

As definições e concepções de jornalismo, que também se articulam em torno da idéia de desenvolvimento, sociedade e democracia, sofreram alterações ao longo da história sócio-político-econômica e cultural da humanidade.

A partir da revolução tecnológica, informacional e comunicacional, deflagrada na segunda metade do século XX e da fusão de grandes empresas, na área da imprensa, informática, telefonia e satélites, poucos e grandes conglomerados midiáticos se fundiram, liderando serviços públicos essenciais a sociedade. Nesse contexto, predominou a baixa concorrência e alta competição, a imprensa passou a integrar um grupo com negócios e interesses distintos, funcionando no ritmo acelerado das novas tecnologias, a exemplo das demais áreas do grupo. Bertrand (1999, p.23) alerta que essa comercialização e concentração crescentes não combinam com o pluralismo e a

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado na Disciplina Mídia e Pluralismo – POSCOM/UFSM.

<sup>2</sup> Mestrado pelo Programa de Pós-graduação (POSCOM) da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Trabalho desenvolvido na disciplina Mídia e Pluralismo. Email. [miranda.clarissa@gmail.com](mailto:miranda.clarissa@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutorado em Ciências da Informação e da Comunicação pelo PPGCOM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Profa. do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-graduação da UFSM – Brasil. Email. [Rosane.rosa@terra.com.br](mailto:Rosane.rosa@terra.com.br).

independência da mídia e, muito menos, da imprensa. Para ele, a manutenção do prestígio e da independência dependem da imprensa dar conta da sua função e responsabilidade social primordial: “servir bem à população.”

Assim, a importância da verdade e da luta política foi dando lugar à informação, “notícia-produto à venda” (MEDINA, 1978). Na visão de Kapuzinski (2002), conhecido como o repórter do terceiro mundo ou das nações do Sul, a notícia passou a ser o resultado da luta pela competência, entre os meios de comunicação, em que o principal objetivo, mais do que informar, é ganhar a concorrência. A partir desse processo, chegou-se à atual crise de identidade do jornalismo, que se confunde ou se mascara com crises empresariais.

A partir e apesar desse cenário, este artigo propõe-se ao estudo do jornalismo voltado a cobertura de temas ligados ao desenvolvimento humano e socioeconômico dos povos. Portanto, mesmo que, na atualidade, o ambiente jornalístico esteja “dominado” pelas leis de mercado, visto que possui uma função informativa, formativa e normativa, é inadiável o debate sobre a prática de um jornalismo cidadão, voltado para o desenvolvimento humano e socioeconômico, principalmente das nações em processo de desenvolvimento. Assim, busca-se compreender e redimensionar o papel do jornalismo, na ocupação de um espaço público central, compreender o seu relacionamento com o desenvolvimento democrático das nações. Essa incursão será pautada nas ideias do Jornalismo para o desenvolvimento que advoga uma dimensão que leva o jornalismo a desempenhar um papel importante, no desenvolvimento humano e sócio econômico da humanidade, com ênfase aos povos do Sul.

No âmbito internacional, há muito se discute essa relação e chegou-se a estruturar o chamado modelo do jornalismo para o desenvolvimento ou *development journalism*. Surgiu, em 1918, a partir de teorias que atribuíam à comunicação grande importância como motor de desenvolvimento sócio econômico. Deu-se a partir da mistura de concepções marxistas e neo-marxistas da imprensa (tais como a experiência de Lênin e as regras que esse ditou para o jornal russo *Pravda*).<sup>4</sup> São ideias decorrentes dos debates e das publicações da UNESCO, reações ao conceito do livre fluxo de informações e a diferenciação de países pobres e ricos no que diz respeito à capacidade de comunicação. (SOUZA, 2002).

---

<sup>4</sup> *Pravda* significa “Verdade”.

Estes fatores, segundo Santos (b), 2010, p. 39), contribuem como decisivos de uma linha abissal que separa a cartografia do globo não só geograficamente, mas também, epistemologicamente. “A negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que, constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal”. Ao conhecermos a realidade transmitida pelos veículos de imprensa hegemônicos e de mais recursos presentes nos países, assim ditos, mais desenvolvidos; pode-se criar uma visão de que as problemáticas destes são universais, sem que se ouça a voz de problemas vindos dos países em que a imprensa não possui tantos recursos.

Conforme delimita Sousa (2002), o jornalismo para o desenvolvimento, enquanto modelo, não nos trazia esta visão tão complexa, porém, determinava que “todos os órgãos de comunicação social devam ser usados para a construção da identidade nacional, combater o analfabetismo e desenvolver o país” (SOUSA, 2002, p. 32). Em Kunczik (2002, p.131), se encontra, por outro lado, a expressão jornalismo “de” desenvolvimento. O autor explica que o termo foi usado pela primeira vez em meados de 1967: “para definir uma visão de jornalismo segundo a qual a reportagem dos eventos de importância nacional e internacional deveria ser construtiva, no sentido de contribuir positivamente para o desenvolvimento do país em questão”.

A expressão foi cunhada e introduzida no foro internacional na universidade filipina de Los Bãnos e se fortaleceu com a formação da Fundação Jornalística da Ásia, em 1967. O nome do conceito é atribuído aos jornalistas filipinos Alan Chalkley e Juan Mercado. Teriam-no feito porque estavam preocupados que as organizações de notícias estivessem cobrindo o desenvolvimento sócio-econômico de uma maneira superficial, com os jornalistas reportando *press-releases* do governo e citações governamentais, mas de forma a sobrar pouco espaço para análise e avaliação de projetos de desenvolvimento. Eles defendiam que os jornalistas deveriam focar o processo do desenvolvimento como um todo e não apenas o evento de lançamento ou dados quantitativos. Ao invés de um jornalismo concentrado na factualidade da rotina do noticiário diário, o jornalismo de desenvolvimento daria mais atenção para questões que contribuíssem positivamente nos processos de desenvolvimento em longo prazo.

Se traçarmos um paralelo com a realidade atual podemos trazer este conceito para o campo do chamado jornalismo (TRAQUINA e MESQUITA, 2003) cívico<sup>5</sup>, cidadão ou público, cujo objetivo é recuperar a credibilidade pública do jornalismo, desafiando e tentando mudar o padrão mercadológico. Segundo Abreu (2003, p. 36 e 37), houve uma mudança do perfil do jornalista brasileiro nas últimas décadas quanto ao que seria a sua responsabilidade cívica. Para a autora, jornalistas que hoje têm posições estratégicas nas redações podem ser percebidos “se mobilizando em torno da defesa dos excluídos, dos pobres, dos não-cidadãos, e não mais dos movimentos ideólogos revolucionários que queriam mudar o mundo e se identificavam com o marxismo”. Ou ainda, temos a realidade em que se busca recuperar as raízes de um jornalismo, conforme nos coloca Bertrand (1999). Segundo o autor, a mídia representa, por vezes, a principal interlocução do indivíduo com o contexto global.

Bertrand (1999) ainda nos lembra do direito de cada ser humano à comunicação. Ao vermos esta como direito de cada grupo, nação, ou povo de trocar qualquer mensagem por meios de expressão midiática, temos que é preciso que hajam meios disponíveis para que estas trocas ocorram. É o mesmo que se pensar, na visão do autor, no direito à educação e não se falar na necessidade de que existam escolas. Neste sentido, os valores fundamentais, deontológicos do jornalismo, aproximam-se do conceito de jornalismo para o desenvolvimento, ou seja, o direito dos países em desenvolvimento ou, assim chamados, subdesenvolvidos, também expressarem suas problemáticas e soluções encontradas para estas.

Kunczik (1992) estuda a relação possível entre as idéias de desenvolvimento e os estudos sobre comunicação. O autor aborda uma visão de como os diferentes veículos de comunicação podem contribuir na construção de soluções para os problemas enfrentados na contemporaneidade para um crescimento consciente e sustentável, não só das nações pobres como também das desenvolvidas. Não se trata, no entanto, de uma defesa de um modelo de jornalismo para o desenvolvimento (*development journalism*), mas sim de um estudo que, apesar da coincidência de palavras (Kunczik nomeia seu livro *Development Communication*), propõe-se a indicar caminhos possíveis para se abordar algumas das preocupações de profissionais ao trabalharem as questões do desenvolvimento em diferentes países.

---

<sup>5</sup> O jornalismo público surgiu nos estados unidos, no final da década de 1980 e tomou forma nos anos 1990, no Brasil, esse movimento também ganhou força, registrando diferentes experiências. Ver mais em Traquina e Mesquita (2003).

A comunicação e a qualidade de vida estão estreita e inseparavelmente ligadas. O desenvolvimento em direção a uma sociedade moderna, caracterizada por democracia, justiça social e econômica, consolidação nacional, disciplina social e crescimento econômico, é impossível sem utilizar dos meios de comunicação de massa (KUNCZIK, 1992, p. 69).

O autor vai indicar que o jornalismo de desenvolvimento se fortaleceu principalmente nos ditos países em desenvolvimento, como aqueles situados na África e na Ásia e que supõe o desenvolvimento como um objetivo propositivo e desejável.

Apesar disso, constata-se que o jornalismo de desenvolvimento utiliza todas as habilidades jornalísticas clássicas - tais como a objetividade, credibilidade, poder investigativo - para construir a realidade sobre os processos de desenvolvimento de modo interessante e compreensível. Utilizando as reflexões de Barbero (2006) pode-se também entender a lógica proposta pelo modelo de jornalismo para o desenvolvimento e notar que as características que as mídias vão assumindo atualmente tornam-se fundamentais para a constituição da sociedade contemporânea, “Tal processo de inclusão/exclusão em escala planetária está produzindo não só reações e entricheiramentos, mas também uma separação profunda e crescente entre a lógica do global e as dinâmicas do local” (p. 59).

Os autores que pensaram e trabalharam o modelo de jornalismo para o desenvolvimento e que podem ser notados principalmente até os anos de 1982 e 1983, conseguiram elaborar duas definições: uma do jornalismo para desenvolvimento investigativo, e outra do autoritário-benevolente (ou patrimonial). No primeiro, se vê os questionamentos e a avaliação crítica dos projetos de desenvolvimento por iniciativa da sociedade, do governo ou mesmo do setor privado. Esse jornalismo de desenvolvimento pressupõe a liberdade de imprensa. No segundo caso, há uma maior simpatia para com as ações do governo e tende-se a considerar a liberdade de imprensa como algo limitado, principalmente nos países em desenvolvimento. É por causa deste segundo tipo que autores como Sousa (2002) apontarão que o jornalismo para o desenvolvimento pressupõe que os veículos de imprensa devem, ao invés de vigiar, apoiar o poder e que, portanto, existirá a censura dos órgãos de imprensa pelo governo. “A informação é tida como sendo propriedade do Estado e os direitos à liberdade de expressão são tidos como irrelevantes” (SOUSA, 2002, p. 33). Porém, Kunczik (2002) esclarece que, caso se observe a diferenciação entre o jornalismo de desenvolvimento e o jornalismo desenvolvimentista (aquele que é influenciado e controlado pelo governo), veremos

ainda uma possibilidade de avanço para um terceiro tipo de jornalismo para o desenvolvimento, que nada tem haver com a censura. O autor observa a existência do jornalismo para o desenvolvimento intelectual. Esse seria uma visão idealizada, como base na discussão anglo-americana da teoria neo-marxista, e conteria uma síntese de todos os tipos de jornalismo, tais como o objetivo, o científico, o defensor, o pedagógico e o inovador. O jornalista idealizado nesta perspectiva se responsabilizaria por todas as consequências, intencionais ou não de seu trabalho, e seriam profissionais responsáveis pelo desenvolvimento democrático da sociedade.

O viés político do jornalismo para o desenvolvimento que levou alguns autores a apontarem ele como morto, nos parece ter sido apenas um dos modos possíveis de expressão seguidos por esse modelo de jornalismo. Atualmente, o que se tem visto em nações tanto dos chamados países em desenvolvimento como também de países ditos desenvolvidos, é uma retomada deste conceito por quanto ele se dá como uma forma de fazer com que os jornalistas passem a dar atenção aos temas relacionados ao desenvolvimento sócio-econômico dos povos e aos problemas que afligem principalmente os países do, assim chamado, terceiro mundo. Neste caso, o jornalismo para o desenvolvimento passaria a ser como uma alternativa da imprensa que usaria ferramentas de jornalismo investigativo – entre elas, apuração acurada dos fatos, construção ricas de personagens – para retratar os problemas sociais que são combatidos em países em desenvolvimento e também as soluções encontradas ao redor do mundo para essas questões. É neste sentido que encontramos o jornalismo para o desenvolvimento no artigo “*Development Journalism revisited*”, de autoria de Florangel Braid (BRAID, 2010):

Entre os desafios de nossa era digital está o de definir o papel do jornalista profissional próximo ao jornalismo cidadão (o receptor que é ao mesmo tempo um produtor de notícias (2010, nossa<sup>6</sup>)

Os periódicos publicados pela Organização das Nações Unidas para Educação Ciência e Cultura (UNESCO) sobre esta questão são um exemplo de como o debate acerca de um jornalismo que contribua para o desenvolvimento está presente na

---

<sup>6</sup> Tradução nossa do original (BRAID, 2010): Among the challenges in our digital age are that of defining the role of the professional journalist vis-à-vis the citizen journalist (the receiver who is at the same time a producer of news; ensuring the survival of traditional media, especially the newspaper; and with the growing pervasiveness of online journalism, mediating global challenges – climate change, cultural and resource conflict, among others.

atualidade. Por meio da UNESCO, a própria ONU recomenda aos jornalistas um comportamento em relação às reportagens sobre o desenvolvimento e às questões a ele relacionadas. Dixit (2005), editor chefe do jornal *Nepali Times*, ao falar dos motivos pelos quais em sua visão o experimento do jornalismo para o desenvolvimento não funcionou conforme o modelo idealizado, diz que mais do que um tipo de jornalismo, deve-se pensar em fazer um bom jornalismo quando se fala em desenvolvimento:

se nós jornalistas não cobrirmos o desenvolvimento com inteligência (com comprometimento e superação) a mídia irá se tornar obstáculo para aliviarmos a pobreza. Se nós quisermos a mídia aperfeiçoando governança de forma que ela tenha um impacto na pobreza, as mídias precisam ser melhor governadas [...] no Sul, mas também no Norte (DIXIT, 2005, p. 46, nossa<sup>7</sup>)

É neste sentido de “mediador das mudanças globais” que o jornalismo para o desenvolvimento, segundo nos parece, se faz presente hoje. Ele não escapa, é claro, dos critérios de noticiabilidade que determinam o que é notícia e nem da linha editorial dos veículos de imprensa, por vezes determinadas pelos grupos privados dos quais são propriedade. No entanto, em nossa visão, trata-se de um jornalismo que vem a lembrar os cidadãos de que a necessidade do desenvolvimento não é só uma questão em isolado e pertinente aos países pobres, mas é o próprio propulsor do crescimento e das questões econômicas, de saúde, educação, ambiental e de emprego que permeiam o dia a dia de nações de todos os continentes – desenvolvimento socioeconômico é, pode-se dizer, uma meta em comum a todos os povos.

## **2 Uma referencia de jornalismo voltado ao desenvolvimento sócio economico**

Um exemplo de como é visto hoje a relação entre comunicação e o desenvolvimento está no concurso anual promovido em parceria pela entidade inglesa, *Marie Stopes International*, e o conceituado jornal inglês, *The Guardian*, intitulado *International Development Journalism Competition*<sup>8</sup>. Essa competição, em sua quarta

---

<sup>7</sup> Tradução nossa do original (DIXIT, 2005): Let us be realistic: the media cannot end poverty. But if we in journalism do not cover it intelligently (with commitment and outrage) the media will become obstacles to alleviating poverty. If we want media to improve governance, so that they make an impact on poverty, the media themselves must be better governed [...] And this should be done not just in the South but also in the North where media students must understand how under-consumption, wastage of resources and trade protection contribute to global poverty.

<sup>8</sup> <http://www.guardian.co.uk/journalismcompetition>

edição realizada em 2011, foi responsável pela divulgação de um site especial de notícias com a temática do desenvolvimento dentro do portal do *Guardian International*. Neste, encontramos um artigo da equipe editorial deste periódico que traz a relação entre jornalismo e o desenvolvimento utilizado para a competição. Seria uma experiência de jornalismo feito tanto por repórteres que partem dos ditos países desenvolvidos para aqueles em desenvolvimento e lá procuram entender melhor as histórias relacionadas as problemáticas daquelas comunidades; quanto por repórteres dos países desenvolvidos que procuram representar os problemas de suas próprias nações. Neste artigo, estudamos um pouco mais a fundo esta competição procurando demonstrar, e não somente enunciar, que ainda é possível identificar valores do jornalismo para o desenvolvimento nos dias atuais, contribuindo para um enriquecimento dos diálogos norte-sul, sul-norte e auxiliando para que experiências locais atinjam o âmbito global. Como nos indica Milton Santos (2010) a informação e a comunicação têm de interagir com todos os aspectos da vida social e, assim, são capazes de complexificar e tornar mais múltiplice a visão de cada cidadão sobre as diferentes partes do globo. “Com o papel que a informação e a comunicação alcançaram em todos os aspectos da vida social, o cotidiano de todas as pessoas assim se enriquece de novas dimensões” (p. 591). A afirmação do autor nos leva a refletir que, talvez, seria o caso de pensar como, a interface cada vez mais frequente da população com as diferentes mídias – principalmente a ampliação do espaço público para notícias na Internet – confere um impacto maior hoje ao jornalismo relacionado ao desenvolvimento do que nos tempos em que se iniciou este tipo de debate.

Percebemos no cenário internacional atualmente vozes que relacionam o jornalismo e o chamado desenvolvimento sustentável, mostrando a comunicação como sendo capaz de prestar suporte a este processo global. Um exemplo é o esforço dos países no alcance dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODMs) lançados pela ONU em 2000 como um conjunto de oito das principais metas mundiais para o desenvolvimento sustentável. Hoje, as diferentes nações membros da entidade se comprometem em tentar alcançar os oito ODMs até 2015. Susan Alexander, em artigo divulgado no website da *Society for International Development Forum*, com o título “*MDGs and Development Journalism*”, de 2010, e republicado pelo website da *Pacific Alliance of Develop Journalism*, onde encontra-se disponível, realça a relação possível entre o jornalismo e o esforço dos povos e governos para o alcance dos ODMs. A autora



constatou que, para o público em geral, ainda é difícil entender o que seriam os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (em inglês *Millenium Development Goals*, de onde vem a sigla em inglês *MDG*, presente no título do citado artigo). A autora menciona um estudo realizado entre os principais jornais europeus em que fica claro que apenas 3,5% da cobertura é voltada aos temas de cooperação pelo desenvolvimento. A maior parte desta cobertura se dá quando estas estão relacionadas a desastres naturais ou outras catástrofes ocorridas com as populações atingidas. Em nossa visão, o jornalismo para o desenvolvimento e os ODM tratam de duas iniciativas relacionadas à área da comunicação, dois modos de falar de temas correlatos mesmo que não tenham a mesma origem. Coincidem no escopo de tornar público os temas relacionados aos problemas presentes nos países em desenvolvimento e às soluções por estes já encontradas para suas dificuldades. A ascendência de temas como estes na mídia por meio da campanha dos ODM iniciada pela ONU e também a realização de concursos internacionais sobre a temática do jornalismo e desenvolvimento internacional parece indicar uma manifestação de interesse da imprensa internacional, ou ainda, dos profissionais de imprensa por estas temáticas.

Resgatando o exemplo do concurso *International Development Journalism Competition*, temos a visão de como pode se dar o exercício do jornalismo quando tem em foco as questões de desenvolvimento sócioeconômico dos diferentes povos. Entre as características do jornalismo destacados neste concurso está o de ser um meio pelo qual se cobrem os temas políticos, sociais e econômicos do desenvolvimento requerendo para tanto, pesquisa extensiva. Apesar de custar mais caro, este jornalismo se proporia ir além das tragédias ocasionadas por grandes catástrofes naturais que por vezes chamam a atenção da audiência para os países em desenvolvimento:

Outra coisa que o jornalismo para o desenvolvimento não faz é tratar as pessoas como vítimas ao tratar eles sem dignidade ou sensacionalizando suas vidas. Isso normalmente ocorre quando se percebe eles como menos importantes, inteligentes ou significantes do que alguém no mundo desenvolvido, presos dentro de suas situações de vida e sem nenhuma habilidade de melhorar ela. O bom jornalismo para o desenvolvimento faz perguntas – de pessoas ordinárias, não só de oficiais. Ele considera os leitores, os escritores e aqueles sobre os quais se escreve como sendo todos iguais em sua humanidade. (GEORGE, 2009, on-line, nossa<sup>9</sup>)

---

<sup>9</sup> Tradução nossa do original (GEORGE, 2009, on-line): Another thing that development journalism is not, is making people into victims by treating them without dignity or sensationalising their lives. This

Quando o jornalista se permite também a relação com o personagem local à problemática que está relatando, pode-se dizer que incorra na mesma aproximação que Mamma (2010) retrata como sendo realizada por pesquisadores que estudam a realidade africana e que foram incentivados a recorrer a estilos de interação locais, usando línguas localmente faladas – procurando facilitar um diálogo presencial mais próximo com os seus objetos de pesquisa, utilizar uma narrativa capaz de dar voz aos participantes e obter deles a sua perspectiva e experiências de vida próprias. “Dessa maneira, procurou-se que o processo não só não diminuísse como reforçasse, em cada um dos participantes, o sentimento da pessoa singular e dotada de capacidade de ação” (p. 632). Ao nos darmos conta de que o jornalista, por vezes, atua também como um pesquisador da realidade que deverá retratar, nos permitimos traçar este breve paralelo entre o tema de nosso estudo e a observação de Mamma (2010).

A simples necessidade de se relatar temas do desenvolvimento é uma pauta que requisitará, portanto, do profissional jornalista uma preparação específica para que possa se aproximar com propriedade das diferentes e complexas temáticas que deverá abordar. Em artigo publicado, em 2004, na página internacional da BBC on-line<sup>10</sup>, o Diretor de Comunicação e Diretor Executivo das Conferências Mundiais de Jornalistas Científicos do Canadá, Jean-Marc Fleury, fala sobre o quanto é importante o jornalista estar preparado e ter consciência de sua responsabilidade no momento em que retrata os fatos relacionados ao desenvolvimento: “os jornalistas muitas vezes não tem o treinamento necessário para entender tanto o conteúdo e a linguagem de pesquisa e a sua importância para os esforços de desenvolvimento nacional” (FLEURY, 2004, on-line, nossa<sup>11</sup>). Fleury não defende o uso do termo jornalismo para o desenvolvimento, mas aponta para a necessidade de que as pesquisas científicas realizadas nos países em desenvolvimento sejam noticiadas com a mesma ênfase que aquelas vindas de países que tem mais facilidade de ingresso na imprensa.

---

usually comes through perceiving them as less important, intelligent or significant than someone in the developed world, lacking insight into their situation or any ability to improve it. Good development journalism asks questions - of ordinary people, not just of officials. It considers reader, writer and written-about to be equal in their humanity. It doesn't patronise but asks the reader to put themselves in the place of people whose lives seem very different from theirs.

<sup>10</sup> [http://www.bbc.co.uk/worldservice/trust/2015/story/2004/06/040609\\_jean\\_marc\\_fleury.shtml](http://www.bbc.co.uk/worldservice/trust/2015/story/2004/06/040609_jean_marc_fleury.shtml)

<sup>11</sup> Tradução nossa do original (FLEURY, 2004): Journalists themselves often lack the training needed to understand both the content and language of research, and its importance to national development efforts. Limited press freedom must sometimes also be factored in.

Assim, um dos importantes caminhos que o jornalismo deve trilhar é o de mediar o tema do desenvolvimento. Trata-se de apontar para o fato de que, cada vez mais, estarão presentes os debates em torno do desenvolvimento mundial relacionados a assuntos como os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da ONU e que a imprensa, por sua vez, está aprendendo a lidar com estes. O concurso *International Development Journalism Competition* nos parece ser uma amostra deste esforço recente no âmbito jornalístico internacional. Entre os temas propostos<sup>12</sup> pela organização da edição da 2011 da premiação para que os competidores usassem como foco de seus textos de candidatura ao prêmio estiveram: “órfãos da AIDS e os desafios que estes enfrentam”; “o empoderamento das mulheres como possibilidade de acabar com a pobreza”; “a recuperação de longo prazo dos desastres naturais auxiliando na melhoria dos cuidados de saúde das populações”; “casamento precoce: qual é a idade certa para uma menina virar mulher”; “preparação para emergências: como áreas preparadas suportam melhor os períodos pós-desastres”; “de pequenos fazendeiros a grandes produtores: como pequenos proprietários podem se coligar para aproveitar melhor seus meios de subsistência”; “malária, uma doença que tem os dias contados”; “barreiras sócio culturais para o planejamento familiar”; “os desafios enfrentados por garotas com deficiências”; “os maiores problemas de saúde em países em desenvolvimento: as doenças não comunicáveis”; “o impacto dos abortos não seguros no ODM 5: melhorando a saúde materna”; “quais são os desafios e a importância em longo prazo de prover abrigo depois de emergências”; “o que impede as crianças de áreas rurais de irem à escola”; “qual papel o setor privado desempenha no desenvolvimento internacional da área da saúde”; “por que as doenças tropicais negligenciadas são negligenciadas” e, por fim, “desemprego jovem: qual futuro?”. Para ingressar na competição, o participante – que precisa ser residente na Inglaterra – deveria escrever um texto com 650 a 1000 palavras sobre um dos 16 temas. Cada tema foi proposto por uma ONG ou entidade parceira desta premiação.

Reiterando a proeminência destas temáticas no contexto internacional, é possível auferir que a maioria dos temas escolhidos para o concurso de alguma forma se encontra correlacionado a um dos oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da ONU. Os ODMs nos parecem ser, de certa forma, um resumo dos assuntos chave que despontam entre as iniciativas jornalísticas para retratar o desenvolvimento nas diferentes nações.

---

<sup>12</sup> <http://www.guardian.co.uk/journalismcompetition/themes>

Para compreender melhor esta ideia, talvez seja importante notar como estão enunciados cada um dos oito ODM<sup>13</sup>: 1) Erradicar a extrema pobreza e a fome; 2) Atingir o ensino básico e universal; 3) Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; 4) Reduzir a mortalidade na infância; 5) Melhorar a saúde materna; 6) Combater o HIV, AIDS, a malária e outras doenças; 7) Garantir a sustentabilidade ambiental e 8) Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento. Se percebermos que, dentro de cada um destes objetivos, estão contidas metas quantitativas para seu alcance, veremos que também nelas transparecem boa parte dos motivos para reportagens escolhidos na edição 2011 do referido prêmio do jornalismo. Os ODM se assemelham, segundo manifestação da ex-chefe do Setor de ONGs do Conselho Econômico e Social da ONU, Hanifa Mezoui<sup>14</sup>, à verdadeira campanha de comunicação em relação a metas e objetivos de desenvolvimento sustentável e qualidade de vida que sempre estiveram presentes nos trabalhos das organizações e entidades como a ONU. Porém, neste milênio houve a preocupação de que estas fossem sistematizadas, enunciadas e, assim, facilitou-se a colocação em prática dos ODMs nos formatos possíveis aos diferentes povos.

Interessante observar também que as duas matérias consideradas campeãs de 2011 do concurso *International Development Journalism Competition*, seja na categoria profissional como na amadora, tem relação direta com um dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, que é o de número 3 – bem seja, “promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres”. Na categoria amadora, foi vencedor o autor Kiran Flynn, com a matéria “O direito de dizer ‘não’” (“*The right to say ‘no’*”) – que retrata a problemática das jovens crianças obrigadas pela família a casar precocemente em Bangladesh. Apesar de proibidos legalmente no país, estes casamentos continuam acontecendo. Já na categoria profissional, o vencedor do concurso foi a reportagem “A busca por um santuário” (“*A search for sanctuary*”), de Angela Robson, que demonstra como a violência sexual contra mulheres e crianças é uma prática frequente hoje no Haiti e relata o trabalho desenvolvido por um grupo que presta suporte às vítimas.

Além desta correlação com temas atuais estão em voga no debate internacional sobre a questão do desenvolvimento sustentável, nota-se características nestes textos como a descrição rica de personagens que sofrem com os problemas abordados, bem

---

<sup>13</sup> Fonte: <http://www.pnud.org.br/odm/>

<sup>14</sup> Em aula da disciplina “Crises Planetárias: Soluções para os Objetivos do Milênio propostos pela ONU e pela Escola de Formação Ontopsicológica” realizada aos alunos do MBA Business Intuition da Antonio Meneghetti Faculdade, em março de 2010.

como a citação de falas destes, e o posicionamento declarado do texto no sentido de apoiar a luta pela resolução de tais questões. Na reportagem “O direito de dizer não”, está na conclusão:

No entanto, com boa educação pública, reforço apropriado das leis e mais atenção para a comunidade internacional, garotas como Nargis podem ser protegidas no futuro. ‘Se você ler isso, diga aos seus amigos’, grita apaixonadamente Jaya, 13, do grupo Bashantek. ‘Diga a todos ao redor do mundo o que está acontecendo às nossas garotas. Se todo mundo souber, então nós podemos mudar isso’. (FLYNN, 2011, on-line, nossa<sup>15</sup>)

Já na reportagem “A busca por um santuário”, a conclusão é propositiva e parece provocar no leitor um desejo a engajar-se na causa ali evidenciada: “Quanto mais pessoas se levantem e falem, maior será o progresso que podemos fazer” (ROBSON, 2011, on-line, nossa<sup>16</sup>), diz uma das personagens da história identificada como Helia, que é membro do grupo de suporte à vítimas de estupro. No final da reportagem, ela diz que depois de tudo o que sofreu, com violência sexual, além de ver sua filha e sua neta sofrerem o mesmo problema, continua acreditando na vida por saber que pode ser “parte de uma luta agora, unida com outras pessoas na briga contra violência”.

Além dos dois autores que foram ganhadores do prêmio, outros 14 foram selecionados no que se chamou de *short list*; uma pré-seleção realizada entre todos os textos que os competidores enviaram. Estes 16 participantes selecionados receberam como prêmio uma viagem para países do dito terceiro mundo em que deveriam preparar uma reportagem relatando alguma situação que ali visualizassem como problemática e que fosse relacionada aos temas centrais do concurso. Entre os textos iniciais inscritos no concurso, foram selecionados para a *short list* da categoria profissional<sup>17</sup>, matérias com os temas: os “órfãos da AIDS” no mundo em desenvolvimento; o trabalho de fazendeiros que tornaram-se lideranças em Malawi rumo ao desenvolvimento; a questão dos abortos nas Filipinas; o problema da fome em países considerados em condições de

---

<sup>15</sup> Tradução nossa do original (ROBSON, 2011): Girls and women show little support for a practice that robs girls of their childhoods and catapults them into womanhood. However, with good public education, proper law enforcement and more attention from the international community, girls like Nargis can be protected in future. "If you read this, tell your friends," shouts an impassioned Jaya, 13, from the Bashantek group. "Tell everybody what is happening to our girls all over the world. If everybody knows, then we can make it change!"

<sup>16</sup> Tradução nossa do original (ROBSON, 2011): The more people who stand up and speak out, the more progress we can make

<sup>17</sup> <http://www.guardian.co.uk/journalismcompetition/professional-shortlist>

pobreza; as pessoas que vem conseguindo – por meio do trabalho – cultivar a prosperidade na Serra Leoa; casas mantidas por crianças em Ruanda; jovens meninas que são forçadas a noivarem e utilizadas como instrumentos de barganha no Paquistão e o fim da violência contra as mulheres com instrumento crucial ao desenvolvimento global. Na categoria amador<sup>18</sup>, os textos selecionados para a *short list* tinham como temáticas: a busca por equidade entre as garotas deficientes físicas na Índia o uso da educação na luta contra a gravidez precoce e no combate a AIDS em diferentes localidades como Tanzânia, Filipinas e os EUA; os desafios enfrentados pelas garotas deficientes (deficiência visual, entre outras) nas ilhas Salomão, aulas de jornalismo e produção de filmes que estão empoderando mulheres na zona rural da África a tomar voz e dizer ao mundo quais são as suas necessidades em termos de desenvolvimento; a conservação da diversidade lingüística do povos Zapotec que se dá por meio de iniciativas mantidas na região de Oaxaca (México); as crianças formadas como soldados em Serra Leoa; as crianças induzidas ao casamento na Romênia e a experiência do jornal semanal Khabar Lahariya criado por mulheres da comunidade de Sukhrampur; uma das mais pobres vilas da Índia e que vem lhes ajudando a manifestar suas problemáticas e pensamentos.

A pluralidade de nações envolvidas no noticiário demonstra-se assim marca comum quando se trata de relatar questões de desenvolvimento. O objetivo foi rerepresentar temas cruciais no que diz respeito ao desenvolvimento mundial e que são por vezes sub-representados pela grande mídia.

### **3 O global e o local presentes no jornalismo que aborda as questões de desenvolvimento: alguns apontamentos possíveis**

A partir da leitura de Milton Santos (2010) compreendemos que quando pensamos o jornalismo para o desenvolvimento faz-se presente a ideia de multiplicidade. Esta perspectiva indica uma revisão da compreensão que temos acerca do mundo local, visto que este reflete o contexto global e este é permeado pelos múltiplos contextos locais. A correlação existente entre ambos, portanto, depende da criação eminentemente humana que pode fazer que sejam, tanto, estabelecidos laços sociais entre estes dois contextos, como também, que entre os mesmos exista um total estranhamento e diferenciação. Seguindo a perspectiva do autor, podemos pensar a

---

<sup>18</sup> <http://www.guardian.co.uk/journalismcompetition/amateur-shortlist-2011>

comunicação como um destes laços sociais possíveis e daí seu papel de integração entre os diferentes povos e as diferentes regiões.

Eis então o jornalismo para o desenvolvimento, que de certo modo, conforme Laborit (1987, apud SANTOS (a), 2010), lembra o papel intrínseco da comunicação. A alteridade, ou seja, a voz do outro também é uma voz que pode revelar o complexo plural da sociedade contemporânea. Implica, portanto, a interlocução entre os indivíduos e grupos sociais e destas relações ressoam os laços sociais e as histórias que estes constroem. Deste modo, o sentido que emerge deste movimento das relações sociais de reciprocidade e cooperação é da compreensão de que “[...] a universalidade é o verdadeiro sentido de sua existência singular” (p. 587). A ideia do mundo ter sentido porque é um lugar comum contempla o conceito da territorialidade. A questão que se coloca: por que eu como indivíduo devo e posso querer conhecer a realidade do outro que vive uma situação ou dificuldade para que possa ser considerado como cidadão de uma nação em desenvolvimento?

Neste espaço que não é somente território, constroem-se os entrelaçamentos entre as vizinhanças nos contextos sociais cada vez mais responsáveis por possibilidades culturais que se cruzam em “matrizes de trocas simbólicas” (LAFAME, 2005 in SANTOS (a), 2010). São matrizes que complexificam, mas também enriquecem a vida de uma pessoa, podendo manifestar-se como sujeito planetário. O autor explica que esta condição de vizinhança porta ao entendimento de comunidade, mas uma comunidade não de fronteiras geográficas nacionais. Sim, uma comunidade epistêmica que assume fronteiras somente onde o conhecimento da realidade do próximo ainda não nos leva e – pode-se dizer também - aonde a comunicação midiática ainda não nos levou. Neste nosso globo “[...] pessoas desconhecidas trabalham conjuntamente para alcançar, malgrado elas, resultados coletivos” (p. 590). Pode-se pensar em cultura de massa, mas, no caso dos exemplos de jornalismo vistos e no exemplo dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio o que se tem são de fato iniciativas que, apesar de globais, afetam e envolvem apenas cidadãos que hoje já se preocupam em exercer seu papel como sujeitos desta sociedade; pessoas que preferem deixar de se preocupar somente com suas realidades locais e problemáticas pessoais para enxergarem a realidade global e as diferentes realidades locais de questões ainda não resolvidas ou de soluções para o desenvolvimento já encontradas por diferentes comunidades. Exemplos de culturas e soluções diversas que enriquecem nossa

experiência como seres humanos, pois segundo Meneghetti (2006, p.4) “Eu sou o outro, o outro sou eu.”

O impulso à compreensão do próximo nos parece, assim, um impulso a eterna busca por compreensão de nós mesmos. Em uma sociedade em que as mídias nos auxiliam a ser cada vez mais cômicos de nosso papel de cidadão global, mas, ao mesmo tempo, cidadão local, nos parece que o jornalismo e o desenvolvimento deverão caminhar juntos para que se alcancem resultados efetivos de desenvolvimento. Hoje, é representação do real aquilo que passa pela mídia e esta nos conta o que a realidade contruída pela mesma de locais em que fisicamente não podemos estar. Não é a toa, em nosso ponto de vista, que, para além dos ODMs e do concurso de jornalismo aqui apresentados, outros pontos focais de debate sobre comunicação desenvolvimento estejam ocorrendo. São inúmeros exemplos de cursos, mestrados, *fellowships* internacionais, canais de TV, jornais de todo o mundo, mas principalmente centrados na África e na Ásia, que anunciam terem esse conceito presente nas suas páginas ou prepararam jornalistas para exercê-lo. Trata-se para nós de uma hipótese de comunicação possível, ainda visível em iniciativas isoladas, mas que no todo constituem um cenário de jornalismo preocupado com o desenvolvimento e que é digno de atenção e estudo acadêmico.

## Referências

ABREU, A. Jornalismo cidadão. **Revista Estudos Históricos**, América do Norte, 2003. Disponível em: <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2185/1324>. Acesso em: 28 Outubro de 2010.

ALEXANDER, S. **MDGs and Development Journalism**. Pacific Alliance of Develop Journalism: 2011. Disponível em: <http://padjournalists.blogspot.com/2011/07/mdgs-and-development-journalism.html>. Acesso em: 10 Dez. 2011.

BERTRAND, C. J. **A deontologia das mídias**. Bauru: EDUSC, 1999.

BRAID, F. Development Journalism revisited. **Mania Publishing Bulletin Corporation**, 2010. Disponível em: <http://www.mb.com.ph/articles/248563/development-journalism-revisited>>. Acesso em 10 Dez. 2011.



BRASIL. **Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – Relatório Nacional de Acompanhamento**. Brasília: IPEA, 2010

DIXIT, K. The failed experiment in Development Journalism. JAMES, B. (editor). **Media and Good Governance**. Paris: UNESCO, 2005. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001463/146311e.pdf>>. Acessado em: 10 Dez. 2011.

FLEURY, J. M. Development Journalism or Just Good Journalism. 2004. **BBC World Service Trust.org**. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/worldservice/trust/2015/story/2004/06/040609\\_jean\\_marc\\_fleury.shtml](http://www.bbc.co.uk/worldservice/trust/2015/story/2004/06/040609_jean_marc_fleury.shtml)>. Acessado em: 10 Dez. 2011.

FLYNN, K. The right to say 'no'. **The Guardian International Development Journalism Competition**, 2011. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/journalismcompetition/early-marriage-in-bangladesh>. Acesso em 10 Dez. 2011

GEORGE, S. **What is development journalism?**. 2009. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/journalismcompetition/professional-what-is-development-journalism>. Acessado em: 10 Dez. 2011

KUNCZIK, M. **Conceitos de Jornalismo**: norte e sul. Editora EDUSP. 1997.

KUNCZIK, M. **Desenvolvimento e Comunicação**. Bonn: Druck Center Meckenheim, 1992.

MAMA, A. Será ético estudar a África? Considerações preliminares sobre pesquisa acadêmica e liberdade. SANTOS, B. S., MENESES, M. P. (org.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo, Cortez Editora, 2010.

MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudança e opacidades da comunicação no novo século. MORAES, D. (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2006.

MENEGHETTI, A. **La crisi delle democrazie contemporanee**. Roma: Psicologica Editrice, 2006.

ROBSON, A. A search for sanctuary. **The Guardian International Development Journalism Competition**, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/journalismcompetition/haiti-search-for-sanctuary>>. Acesso em: 10 Dez. 2011.

SANTOS, M. O lugar e o cotidiano. SANTOS, B. S., MENESES, M. P. (org.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo, Cortez Editora, 2010. (a)

SANTOS, B. S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. SANTOS, B. S., MENESES, M. P. (org.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo, Cortez Editora, 2010. (b)

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2002.

SOUSA, J. P. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2000.

TRAQUINA, N., MESQUITA, M. **Jornalismo Cívico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.